

# HISTÓRIA E CULTURAS

## “PREPARATIVOS E PRELÚDIOS PARA ERGUER UMA MEMÓRIA REPUBLICANA: COMEMORAÇÕES DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DE FREI MIGUELINHO EM 1917”

Alicia Meneghetti<sup>1</sup>

19

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19134008>

### RESUMO:

O século XX foi fortemente marcado por celebrações que se direcionaram para rememorar o passado do povo potiguar. Essa afirmativa se traduz com as celebrações do centenário da independência em 1922, por exemplo. Tais festividades eram promovidas especialmente pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) na tentativa de conduzir a população a direcionar seus olhares e seus corações para essas memórias. Neste artigo, analiso as comemorações referentes ao dia 12 de julho, que remetem ao 89º aniversário da morte de Frei Miguelinho. Esse evento se mostrou importante devido a representação que o Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro representa na memória republicana devido seu martírio na Revolução Pernambucana. A pesquisa pautou-se nos textos publicados na revista do IHGRN, por meio de um número dedicado à questão. Dessa forma é possível entender o papel que essa figura desempenha na efervescência do sentimento cívico, patriótico e republicano.

**Palavras-chave:** Centenário. Frei Miguelinho. Memória Republicana.

### ABSTRACT:

The 20th Century was strongly marked by celebrations that aimed to commemorate the history of the people of Rio Grande do Norte. This assertion, for instance, is exemplified by the centennial celebration of independence in 1922. Such festivities were mainly promoted by the Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Norte (IHGRN), with the purpose of directing the population's attention and emotions towards these cherished memories. In this article, I analyze the celebrations related to July 12th, which honor the 89th anniversary of Frei Miguelinho's death. This event holds great importance due to the representation that Father Miguel Joaquim de Almeida Castro embodies in the republican memory, thanks to his martyrdom during the Pernambucan Revolution. The research was based on texts published in IHGRN's journal, through an issue dedicated to this subject. Thus, it is possible to understand the role this figure plays in fostering civic, patriotic, and republican sentiments within the community.

**KEYWORDS:** Centenary. Friar Miguelinho. Republican Memory.

---

<sup>1</sup>Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ações Afirmativas (PIBIC-AF/IC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, com atuação em pesquisa nas áreas de Ensino de História, história do Rio Grande do Norte e patrimônio cultural. E-mail: [aliciabmeneghetti@gmail.com](mailto:aliciabmeneghetti@gmail.com)

# HISTÓRIA E CULTURAS

## INTRODUÇÃO:

A história republicana brasileira tem início com a Proclamação da República, em 1889 a partir desse momento os intelectuais do período expressam uma urgência em valorizar esse processo de alteração política. Diversos fatores foram fulcrais para a construção de uma memória republicana, entre eles a historiografia brasileira, que se dedicou veementemente a estudar processos político-sociais do país, e com a criação de novas instituições de fazeres científicos, dentre elas, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte IHGRN.

O IHGRN foi fundado em 1902, o objetivo principal da instituição é a defesa e guarda de documentos e produções acerca da cultura do Rio Grande do Norte. Além disso, a realização de celebrações referentes à história e memória do Estado estava de posse do instituto. Todo esse trabalho foi primariamente realizado por intelectuais e figuras relevantes de poder.

O processo de preservar e construir essa memória se estende para criação de heróis nacionais ou mártires, que é o caso de Frei Miguelinho devido seu martírio na Revolução Pernambucana, sendo apresentado como um exemplo a ser seguido. O esforço de esculpir essa ideia é feito através de festejos, pois como afirma Mona Ozouf [...] a festa é uma dócil maquinaria, pronta para ser montada e desmontada num abrir e fechar de olhos, tendo em vista as necessidades da causa.” Ozouf (1976, p. 224)<sup>2</sup>, sendo assim, as celebrações estão intrinsecamente ligadas ao poder de construir, remodelar e reafirmar o que quer ser lembrado, e conseqüentemente, esquecido.

No trecho a seguir entende-se um pouco mais das funções dessa instituição e seu poder sobre a construção do sentimento republicano:

Na sessão do dia 18 de março de 1906, foi sugerido pelo mesmo Henrique Castriciano que o Instituto Histórico e Geográfico organizasse uma festividade para comemorar, no dia 12 de junho daquele ano, o 89º aniversário da morte de Frei Miguelinho. A 8 de abril, foi então nomeada uma comissão, a qual foi confiada a tarefa de angariar fundos e organizar todo o programa da festa que seria realizada.<sup>3</sup>

As celebrações eram muito importantes para imprimir nesses cidadãos a efervescência do período, assim como a preservação do patrimônio, pois a criação dessa memória se baseava na democracia e nos direitos cidadãos, que são valores republicanos. Assim, quem exercia todo o

<sup>2</sup> OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

<sup>3</sup> A comissão era composta pelos sócios Henrique Castriciano, Pedro Soares, Pinto de Abreu, Manoel Dantas, Luiz Lyra, José de Calazans, José Correia, Heliodoro Barros e Segundo Wanderley. (Revista do IHGRN N.º. 1, v. IV, ano 1906; N.º. 2, v. IV, ano 1906;309)

# HISTÓRIA E CULTURAS

aparato para que isso ocorresse era o IHGRN, responsável por articular festividades e mobilizar a população nesse espaço. A historiografia oficial do Estado, produzida no sodalício potiguar, portanto, foi utilizada para fortalecer o sentimento de pertencimento à nação.

As festas, revelam-se como um mecanismo de “pedagogia temporal” Ozouf (1976, p. 217), pois são direcionadas a imprimir valores e aflorar memórias e sentimentos numa tentativa de construir o presente de acordo com os interesses de quem as realiza. As efemérides são posicionadas nas mãos de quem possui o poder sobre a memória e sobre a história, nesse caso, os intelectuais do IHGRN, portanto, não são ações inocentes, celebrar é político e cultural. A festa desempenha um papel fundamental na construção de valores e na construção identitária de uma nação em transformação.

De posse desse quadro situacional do Brasil, corroboro com a leitura de Durkheim acerca de “colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência às vezes mesmo de delírio” (Durkheim, 1996, p. 547)<sup>4</sup>. Afirmando o movimento de festejar como um condutor que leva a população a certos comportamentos, que foram anteriormente maquinados e pensados a fim de um objetivo último, nesse caso, uma devoção e amor a república que se erguia. No mesmo texto, o autor opera com o conceito de *efervescência coletiva*, que se articula basicamente como um estado emocional coletivo onde há o compartilhamento de esperanças comuns, superando as diferenças que se dão na individualidade, pois, frente a símbolos compartilhados sentem-se irresistivelmente atraídos uns pelos outros, e a atividade coletiva desencadeada gera uma sensação de exaltação em cada um. Nesse momento, as almas se entrelaçam e se unem, formando um todo coletivo do qual todos participam.

A par disso, é importante entender o manuseio da memória e dos símbolos nesse recorte republicano. Para isso, esse artigo está organizado em três partes. A primeira busca explicar a figura do Frei Miguelinho e sua constituição como um mártir. A segunda discute a celebração do centenário de sua morte como uma tentativa de resgatar os ideais republicanos e patrióticos. Por fim, percebemos que todo esse movimento é feito principalmente pelo IHGRN, que se utiliza da memória como uma construtora de subjetividades e sentimentos em relação ao novo quadro que se imprimia no Brasil. Portanto, a memória e o imaginário social têm papel fundamental no desenvolvimento do presente artigo, além do uso de uma figura que remete a importância de se lutar pela pátria e pela nação.

## 1 FREI MIGUELINHO: A CONSTITUIÇÃO DO HERÓI NACIONAL

---

<sup>4</sup> DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996

## HISTÓRIA E CULTURAS

Adentra-se, agora, na comemoração específica do dia 12 de julho de 1917, promovida pelo IHGRN para celebrar homenagens à memória do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro ou Frei Miguelinho. A importância desse nome se dá devido sua inspiração revolucionária, pois liderou juntamente com outros padres a revolução de 1817 (Revolução Pernambucana<sup>5</sup>). Assim, Miguelinho foi visto como um preparador da independência.<sup>6</sup> Foi um movimento ímpar, pois reconfigurou os ideais da pátria.

A figura do Pe. Miguelinho remonta a ideia de um mártir, que lutou e contribuiu para a solidificação do movimento republicano. O poeta e jornalista Augusto Tavares de Lira (1889-1958) descreve-o: “Miguelinho foi uma das figuras mais fulgurantes de nossa história, pela sua grandeza moral, sugestiva e simpática. Não tremeu diante de seus algozes e, abraçando-se ao estandarte de sua fé, aceitou sem desfalecer a coroa do martírio”.<sup>7</sup> Esmiuçando as palavras do poeta tem-se alguns pontos importantes para salientar, primeiramente o adjetivo fulgurante remete ao brilhantismo de Miguelinho, sendo uma figura notável. Sua personalidade também é elogiada, quando se mencionam virtudes morais, porém a parte mais significativa para entender como Pe. Miguelinho se posicionou frente a revolução de 1817 é o enfoque feito em sua coragem e determinação, relatando que não temeu, ao contrário, ele possuía crenças tão fortes que se manteve fiel aos seus valores mesmo em tempos difíceis. Por fim, ele aceita seu destino sem vacilar, se tornando símbolo de lealdade, dignidade e coragem.

Era, então, uma representação de herói nacional, que deu sua vida em prol do seu país, era um exemplo patriótico nítido um ideal nacionalista, que conseqüentemente foi utilizada pelo Instituto Histórico como um exemplo para se apegar. Relembrar o centenário dessa figura, foi essencial para se retornar ao ímpeto de pertencer a nação brasileira e, se necessário, facultar esforços pela pátria, como um dever cívico. Basicamente, o Estado personificou seus ideais nacional e regional em uma figura única.

Entretanto, é importante salientar que Miguelinho também se mantinha fiel à Igreja Católica e à Coroa Portuguesa, o que gerou conflitos entre ele e outros líderes republicanos mais radicais. Dessa forma as representações acerca de, Miguelinho transitavam entre as dicotomias da Monarquia e da República, defendendo ideais republicanos, mas mantendo relações com a Igreja e a

---

<sup>5</sup>A Revolução Pernambucana foi um movimento da elite local contra o domínio português. Buscava-se a autonomia e a independência política. Se configura como um dos movimentos pioneiros na luta pela independência do Brasil.

<sup>6</sup> Campos, José Freitas. Miguelinho: padre herói revolucionário : quem o conhece? / Pe. José Freitas Campos, Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, [2020, p. 123].

<sup>7</sup> Idem

# HISTÓRIA E CULTURAS

Monarquia, o que pode ser visto como uma contradição, mas também como uma estratégia política para obter mais apoio para sua causa.

## 2 UMA FESTA CÍVICA IMPONENTÍSSIMA

A celebração em si foi perpassada por diversos momentos, e todos eles narraram sua trajetória como uma figura importante para o Rio Grande do Norte e para os processos de quebra com o regime do seu tempo. Por mobilizar a região norte-rio-grandense, a natalidade do Pe. Miguelinho e a Revolução de 1817, essa figura é utilizada para amalgamar esses elementos na preservação de uma memória local, que tem impacto regional e que precisa ser preservada em virtude de valorizar esse processo histórico, e se sentir contribuinte no processo.

O início da comemoração se deu em no local de seu nascimento, na Rua Silva Jardim, que havia sido demarcado com uma lápide<sup>8</sup> em 1906, quando aconteceu a comemoração do octogésimo nono aniversário de sua morte como uma figura ímpar na história do Rio Grande do Norte. A escolha do local liga-se ao percurso da vida dessa figura, remontando assim os passos de Miguelinho por Natal, reafirmando sua ligação com a cidade. (Revista do IHGRN, vol XV, nº 1 e 2, 1917; 80.)

Entretanto, o ponto nevrálgico que o artigo busca explorar se dá na inauguração do Monumento aos Mártires de 1817, pois o que invade a retina cotidianamente corre menos potencial de ser relegado ao esquecimento.

De forma semelhante, o Obelisco, produto literal da mão humana é composto de vários elementos que o fabricaram (projeto, materiais, técnicas etc.), também supera sua concepção, pois constrange os corpos, se torna referência espacial, referência de memória (memória de pedra), ponto alto do desfile cívico, e constrói um lugar [...] <sup>9</sup>

Essa construção procura colocar no olhar de todo o povo a luta republicana em território potiguar, além de elaborar a imagem de Miguelinho como um exemplo a ser seguido, essa composição de celebrações e marcos físicos no espaço urbano e na história, que se reverberam até o

<sup>8</sup> A lápide comemorativa, que carregava a seguinte inscrição: 1768 – 17 de Novembro – 1817 – 12 de junho – Quod scripsi, scripsi – AO INSIGNE PATRIOTA PADRE MIGUEL JOAQUIM DE ALMEIDA CASTRO – FREI MIGUELINHO – O povo do Rio Grande do Norte, em comemoração civica, no 89°. Anniversario de tua morte gloriosa, ufana-se de perpetuar, nesta lapide, solemnemente posta no próprio logar em que nasceste, teu nome immortal de heroe e martyr. 1906 (Rev. IHGRN, Nº. 1, v. IV, ano 1906; Nº. 2, v. IV, ano 1906;333).

<sup>9</sup> PAIVA, Diego Souza de. (Por) entre pedra e tela: a construção de uma memória republicana (Natal - 1906-1919). 2016. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. p. 146-147.

## HISTÓRIA E CULTURAS

tempo presente. A potência e a força de inserir no cotidiano essas lembranças que remetem a um patriotismo, nacionalismo e republicanismo é gigantesca, pois não há espaço para o esquecimento. O obelisco, vem como forma de atribuir sentido à imagem que se constitui do Pe. Miguelinho como um eixo da memória republicana, ou seja, um aspecto tangível da subjetividade. O historiador Le Goff (1988), ao escrever sobre história e memória se debruça sobre a etimologia da palavra, o que auxilia e norteia um pouco a compreensão acerca da utilização de monumentos na construção das memórias.

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*meminī*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. [...] O termo latino *documentum*, derivado de *docere* 'ensinar'<sup>10</sup>

Observa-se um caráter conducente da memória por meio das edificações. Basicamente são selecionadas figuras, fatos ou épocas para serem inseridas no dia a dia dos indivíduos. Permeia-se o cotidiano banal, a ida ao trabalho ou passeios de finais de semana por símbolos históricos, que comunicam algo, e que acima de tudo, produzem subjetividade na população que o circunda.. No caso específico do obelisco, a memória despertada é de luta e entrega pela sua pátria.

Se celebra, portanto, a história de um herói nacional que serve como matriz, um molde a todo potiguar, esse exemplo a ser seguido desperta um ufanismo permeado de “senso de dever”. No entanto, é por meio das ações, dos discursos, das imagens, dos objetos e das relações que são estabelecidas durante as comemorações é que esse senso começa a se moldar e a ganhar força. Com o tempo, essa percepção se torna um agente mobilizador dos rituais que o instituem, fazendo parte da construção da própria identidade coletiva.

Observa-se que a memória está sendo forjada, e essa fabricação ocorre por meio da interação e influência mútua entre indivíduos, objetos e espacialidades. Não se trata apenas de humanizar a terra e as coisas, mas também de objetivar e espacializar os desejos, intenções e sentimentos. A memória é uma construção social, que envolve discursos e imagens.

Porém, não se deve considerar que os espaços são os únicos determinantes da memória, é preciso atribuir história e significado a esses locais, assim como foi feito com a figura de Miguelinho e com os dispositivos que derivam do mesmo. Não se duvida, portanto, que a memória tem o poder de conduzir determinados pensamentos e comportamentos.

Não precisamos, pois, fazer muito esforço para identificar as comemorações que são realizadas em Natal, em 1917, como atos rituais, uma vez que essas são orientadas por

<sup>10</sup>LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: História e Memória. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994, p. 462

# HISTÓRIA E CULTURAS

normas prescritas (presentes na organização), são de caráter simbólico (indissociáveis dos elementos materiais), e procuram direcionar a atenção dos participantes e dos espectadores para objetos de pensamento e sentimento, investidos de um sentido especial – no caso, a criação de uma memória republicana a partir da figura de Frei Miguelinho. (Paiva, 2016, p. 124)

O que Paiva (2016) afirma em sua obra é que a estratégia realizada na mobilização da memória é consciente. Não é novidade o poder que o rememorar possui na história, e o IHGRN tinha sabedoria desse fato. Por conseguinte, a participação popular nessa celebração foi a peça chave para a condução que levava a trilhar um caminho de efervescência republicana, reverberando tudo que foi celebrado para um sentido específico.

25

## 3 O IHGRN, A MOBILIZAÇÃO DA MEMÓRIA E AS ESTRATÉGIAS PARA CONSTRUIR NOVOS FUTUROS.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte nasce nos salões do Atheneu Norte-riograndense, no dia 20 de março de 1902. Entretanto, para compreender as produções dessa instituição como elemento propositivo dentro da história que se buscava construir no Rio Grande do Norte republicano, é importante se munir de alguns conceitos.

Em *A Operação Historiográfica* (p. 56-69), capítulo presente na obra de Certeau (2008) *A Escrita da História*<sup>11</sup>, o autor retrata sobre como o lugar que se está inserido implica nas produções, sejam elas socioeconômicas, políticas ou culturais. Além disso, a partilha de ideias comuns de um grupo tende a homogeneizar as individualidades, ou seja, torna-se uma convenção. A partir disso, o lugar que se edifica é balizado por esse discurso, as produções individuais se anulam para dar lugar ao grupo. Nota-se, a capacidade presente em instituições, como o IHGRN, de afetar subjetividades, discurso e modular ações.

No trecho a seguir, observa-se a apresentação do primeiro número do periódico, em janeiro de 1903.

Foi na certeza, portanto, da necessidade de uma instituição entre nós que não deixasse perderem se, no pó de velhos arquivos descurados, documentos valiosos da historia patria, e especialmente do Rio Grande do Norte, que possam servir de base e fornecer elemento seguro ao futuro historiador; foi nessa certeza, sim, que um grupo de homens que se não desinteressam das coisas do espirito conseguiu fundar nesta Capital, em 29 de Março de 1902, o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, que esta REVISTA representa na Imprensa.

<sup>11</sup> Certeau, Michel de. *A Escrita da história*/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes ;revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Nestas paginas encontrarão os leitores tudo o que referente à geographia e à historia do nosso Estado e em geral do Brasil pudermos obter nas pesquisas que o Instituto fizer para o conhecimento da nossa vida [...] (RIHGRN, 1903, p. 5-6)

A instituição se coloca como detentora da única verdade possível sobre o Rio Grande do Norte. Se configura portanto, como o maior viabilizador de produção, criando uma duplicidade entre o IHGRN e os outros meios de informação, pois ao mesmo tempo que ele abre a possibilidade de ser fonte de conhecimento, acaba silenciando ou descredibilizando as demais.

Atuando como tal instituição, o IHGRN se apropria de um momento sensível e latente para se mobilizar a história e a memória de um povo, de forma a construir um civismo em torno da República que já possuía seus germes no movimento de 1817, de forma a amalgamar o movimento revolucionário à posterior experiência republicana.

O movimento republicano nas províncias do Norte na década de 1870 era fraco. Afora em Pernambuco, com velhas e firmes tradições republicanas vindas das revoluções de 1817, 1824 e 1849, praticamente existia apenas em manifestações isoladas de simpatia por parte de sinceros aderentes ou de monarquistas ressentidos.<sup>12</sup> (Bueno, 2016, p. 65)

É interessante perceber como Pernambuco possui um comportamento distinto das outras províncias. Sendo assim, tanto o movimento de revolução em si, como seus participantes são rememorados como pioneiros de uma luta que acaba sendo contemplada na república, basicamente chegou o tempo que se almejava. Pela participação do Rio Grande do Norte nesse primeiro momento reformador há um apelo ufanista e sentimental que se debruça sobre essa tradição, que acaba por evocar a figura de Pe. Miguelinho. As lembranças são evocadas como um passado heroico e sangrento, que necessita ser redimido no presente ao relembrar “os movimentos revolucionários tragicamente afogados no sangue dos patriotas de 1817 e 1824”<sup>13</sup>.

É uma convocação, feita pelos republicanos potiguares, sob uso do passado, para que os símbolos gloriosos e anteriores sejam honrados, é um dever cívico. O passado, portanto, atua como um legitimador do movimento, segundo Câmara Cascudo, representou bem “o papel catalítico que por si só anunciava a união dos passados mártires de 1817 com os garantidos republicanos de 1889”<sup>14</sup>. A construção de um patriotismo e nativismo é exacerbada e constantemente reforçada pelos símbolos de poder. Concebe-se inteiramente que o festejo prestado ao Pe. Miguelinho é

<sup>12</sup> Bueno, Almir de Carvalho. Visões de República [recurso eletrônico] : ideias e práticas no Rio Grande do Norte (1880-1895) / Almir de Carvalho Bueno. – Natal, RN: EDUFRN, 2016. 314 p. : 8,34 MB ; PDF

<sup>13</sup> Ata da reunião republicana de 27 de janeiro de 1889, CASCUDO, HRRN, p. 271, Apêndice 3.

<sup>14</sup> CASCUDO, HRRN, p. 42-44

## HISTÓRIA E CULTURAS

transversalizado de interesses em usos políticos do passado, que visam reacender e relembrar o dever daquele povo enquanto sociedade portadora daquele passado em específico.

O festejo está profusamente descrito na Revista do IHGRN de 1917 a fim de registrar esse momento de celebração como uma grande vibração cívica. Além de mobilizar a imagem do Frei, a revista consegue destacar diversos comportamentos sociais que respondem exatamente o que estava sendo proposto, além de registrar a ampla e diversa participação.

Interessando sympathicamente toda uma população ordeira e patriota, a festa do Centenário de Miguelinho associou desde o cidadão modesto a mais graduada personalidade, que é o Chefe do Estado, desde a mais tenra creança escolar até as mais altas corporações de letras, de artes e de sciencias [...] (IHGRN, 1917, p. 5)

Nesse excerto está presente, de forma evidente, o que Certeau narra sobre os discursos homogeneizantes, pois não há distinção entre classes sociais, as hierarquias do cotidiano se desfazem, quando assim é do interesse político dos intelectuais e prestigiados. A população é que dá força e legitimidade aos discursos de poder, por isso há essa busca e insistência pelo apoio popular, um apelo, quase um clamor para que se desperte nesse povo um patriotismo avassalador.

Outra forma de remeter a esses interesses é a construção clara de uma dualidade acerca do período monárquico e republicano, polarizando as vivências de modo a entender o primeiro como uma escuridão e a experiência de república como clara e renovada. Em seu discurso, Eloy de Souza enfatiza, “reanimar sentimentos cívicos adormecidos, abrindo nossos olhos para a clara e lúcida visão de uma pátria rejuvenescida [...]” (p. 12). A base primeira, portanto, é a mudança, a renovação, por fim, é a esperança que é oferecida para o povo, de viver em um melhor tempo.

A Revolução de 1817 entra em como elo de ligação entre o povo e seus antecessores, que tanto lutaram no passado, como momento fundador. Essa ligação entre personagens e eventos cria um ambiente propício para a repetição de ações, é o uso utilitário da história como um exemplo a ser repetido, se positivo for. A celebração vem com essa função, deixar mais uma vez marcado na memória e principalmente no cotidiano da população essa relação passado-presente.

O programa geral das festas cívicas se constitui, discriminado pelo IHGRN, desse modo: [...] missa campal, procissão civica, inauguração do monumento dos heróis de 1817, sessão solenne do Instituto, cinema publico e outras festas populares, no dia 12 de junho. (p. 65). Todos esses elementos adentram e impactam a vida dos cidadãos de forma efetiva, pois, além de ser um evento plural, invade as ruas da cidade e se coloca quase como inevitável.

## HISTÓRIA E CULTURAS

28

A missa constitui um caráter de sacralização, celebrada na rua Silva Jardim, onde Miguelinho havia nascido. Evoca a identificação com um herói local, retrata a vida de um personagem histórico que desafiou as adversidades em prol de ideais republicanos e reforça os valores cívicos e patrióticos da comunidade. Eventos como esse incorporam elementos culturais e tradições locais, fortalecendo a identidade coletiva da comunidade e estimulando o senso de pertencimento.

A construção de um monumento em homenagem aos heróis da Revolução Pernambucana é um ato simbólico, pois é uma representação tangível e duradoura, é uma memória que ocupa espaço na cidade, fortalecendo a narrativa patriótica. Já a cerimônia de inauguração, além de atrair a atenção da população acaba por legitimar a importância histórica desses sujeitos. Os discursos proferidos durante a inauguração e a sessão solene são cuidadosamente elaborados para destacar os valores cívicos e patrióticos associados à Revolução de 1817. Eles enfatizam a coragem, a determinação e o sacrifício dos heróis em busca da liberdade e da independência do país. Esse feito remete aos ideais de liberdade, independência e bravura de seus heróis nacionais. Essa memória coletiva reforça a identidade nacional e o senso de pertencimento à nação, bem como inspira os cidadãos a se conectarem com a história do país e a valorizar seus valores cívicos e patrióticos.

As efemérides ocupam lugar no calendário, não à toa. Essas celebrações têm o poder de criar uma conexão emocional entre o povo e seu passado histórico, reforçando a identidade coletiva e fortalecendo os valores e símbolos nacionais. No caso específico da comemoração do centenário, ao honrar e lembrar a figura de Frei Miguelinho, as festas populares servem como plataforma para reafirmar os ideais republicanos, como a liberdade, igualdade e justiça social.

Além disso, é evidente o uso da figura de Frei Miguelinho como um símbolo para unir diferentes setores da sociedade em torno de um ideal comum. Seu martírio na Revolução Pernambucana de 1817 demonstra o compromisso com a pátria e o desejo de transformação social, algo que pode inspirar o engajamento cívico e o sentimento de orgulho e pertencimento ao país. Ao celebrar, há a construção de uma identidade coletiva que se baseia em construir um Brasil Republicano.

Tais fatos expostos são corroborados pela obra de Renato Amado Peixoto (2010),<sup>15</sup>, “[...] certas instituições legitimadas ou prestigiadas no processo, seus eventos, personagens e processos derivam de escolhas e eleições capazes de legitimar o novo arranjo político. (p. 196-170), o autor aqui, se debruça justamente sobre o processo de instaurar novas composições sociais por meio dessas

---

<sup>15</sup> PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. 2010

# HISTÓRIA E CULTURAS

entidades de poder. Pretendia-se unir a história do Brasil com a do Rio Grande do Norte, o povo potiguar precisava se sentir parte atuante dentro desse processo, por causa disso há um esforço hercúleo de construir uma “historiografia onde espacialidade e identidade norte-rio-grandense se articulavam” (p.171). O IHGRN sabia que os sulcos que estavam sendo cavados não seriam rasos, deixariam marcas na pele e no coração daquele povo, não era só uma história, era uma memória fraterna e afeiçãoada. Que o povo se apaixonasse, portanto, por sua pátria, por seus heróis e que esse amor se transbordasse em força e coragem para constituírem uma história sempre de progresso<sup>16</sup>.

29

## 4 CONCLUSÃO

Em síntese, o uso de efemérides é estratégico, pois para acessá-las não é preciso saber ler, nem escrever, atingindo a população de forma bem mais alargada. Ao mobilizar esse tipo de ferramenta, o IHGRN se torna participante ativo da construção do sentimento de pertencimento à República, amalgamando o movimento revolucionário ao ideário republicano posterior. A instituição forja, pouco a pouco, a identidade potiguar, por meio da conexão que se faz entre o passado heróico e o presente cívico.

Através da sacralização e da valorização do passado, a instituição mobilizou a população a aderir ao patriotismo e nativismo, reforçando a identidade coletiva e incentivando o engajamento. A memória coletiva foi potencializada pelas festas e cerimônias, que deixaram marcas profundas na pele e no coração e no calendário do povo potiguar. O patriotismo avassalador despertado nesses eventos reforça o compromisso com o progresso e a renovação da pátria, buscando um Brasil republicano mais unido e progressista.

Através da pesquisa acerca desse festejo popular e do papel do IHGRN em realizá-lo e registrá-lo, foi possível compreender como as produções institucionais moldam a identidade coletiva, influenciando discursos, subjetividades e ações da sociedade. Em última análise, a pesquisa reforça a potencialidade presente nas efemérides, nesse caso, atrelada a um herói nacional. Além do compromisso das instituições para construção da memória e da identidade. Por meio do aprofundamento nesse campo, podemos ampliar nossa compreensão das dinâmicas sociais e políticas que moldam as narrativas históricas e patrióticas.

Ao reconhecer o papel das festas populares e das instituições na criação e transmissão de memórias coletivas, podemos contribuir para uma reflexão mais profunda sobre a construção da história e da cultura em nossas sociedades. Assim se arremata o que se havia proposto, no tocante a

---

<sup>16</sup> A utilização do termo aqui se vale da corrente filosófica positivista

# HISTÓRIA E CULTURAS

entender o papel de Pe. Miguelinho como símbolo que suscita a efervescência do sentimento cívico, patriótico e republicano. Comemorar é educar memórias.

## 5 REFERÊNCIAS

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República** [recurso eletrônico] : ideias e práticas no Rio Grande do Norte (1880-1895) / Almir de Carvalho Bueno. – Natal, RN: EDUFRN, 2016. p. 314.

CAMPOS, José Freitas. **Miguelinho: padre herói revolucionário : quem o conhece?** / Pe. José Freitas Campos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, [2020], p. 123.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história/Michel de Certeau**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1996.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994, p. 462.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PAIVA, Diego Souza de. **(Por) entre pedra e tela: a construção de uma memória republicana** (Natal - 1906-1919). 2016. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. p. 146-147.

PEIXOTO, Renato Amado. **Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX**. 2010